

DE VOGAL PARA SEMIVOGAL: HIPERALÇAMENTO VOCÁLICO

Sérgio Linard Neiva Pimenta*
linardsergio@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Carla Maria Cunha**
cmcunha63@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Thayná Cristina Ananias***
thayna.ananias@ufrn.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Esta pesquisa objetiva assentar as semivogais como variantes de vogais no português brasileiro, com base no processo de *hiperalçamento*. O desenvolvimento do trabalho parte da constatação do estado límbico em que se encontram os segmentos semivocálicos, nas perspectivas de gramáticos normativos e de linguistas. É visto ainda o caráter articulatório-funcional de vogal e de semivogal na constituição de ditongos. Em seguida, há o delineamento do processo de alçamento na língua aplicado à variação entre segmentos vocálicos. Como as semivogais não são contempladas em processo de alçamento, propõem-se o processo de *hiperalçamento vocálico* para caracterizar formas fonéticas resultantes da variação com ultrapassagem de articulação da área vocálica. A análise desenvolvida fundamenta-se na Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995), e na Fonologia Estrutural – delimitada, sobretudo, à descrição fonético-fonológica apresentada por Mattoso Camara Jr. (1988; 2015) para o português brasileiro. A análise do hiperalçamento descrito resulta no entendimento de que as semivogais [j] e [w] variam com vogais anteriores e posteriores arredondadas, respectivamente, atentando para a perda da posição de núcleo de uma vogal. A segmentos semivocálicos podem ser aplicadas duas interpretações articulatórias: (i) a constituição de segmento complexo a partir do acréscimo, na geometria de vogal, de traço(s) de Ponto de Consoante [coronal] ou [labial] e [dorsal]; e (ii) a constituição de segmento consonantal cuja geometria se diferencia da de vogal pela ausência do nó de Abertura. A pesquisa em foco estabelece, então, o hiperalçamento como um motivador para a criação de ditongos no português brasileiro.

Palavras-chave: vogal; semivogal; alçamento vocálico; hiperalçamento.

* Doutorando em Literatura Comparada no Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN).

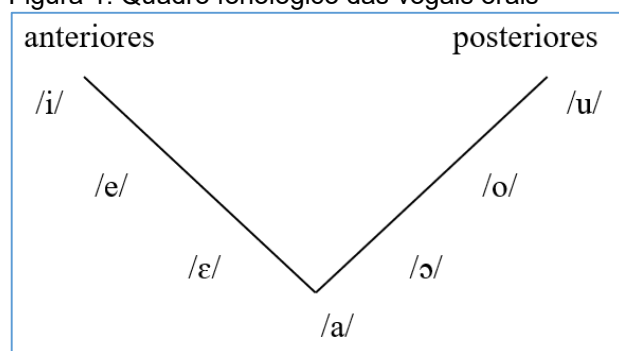
** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e professora titular da UFRN.

*** Doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva no Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN).

1 Diferenciação articulatorio-funcional límbica entre vogal e semivogal

O ensino de língua portuguesa em escolas de nível básico, comumente, apresenta as vogais do Português Brasileiro (PB) limitadas às cinco letras: a, e, i, o, u. Desse modo, não se estabelece distinção entre as diferentes possibilidades de articulação para as letras ‘e’ e ‘o’. No que diz respeito às vogais orais, contudo, há sete fonemas vocálicos (Mattoso Camara Jr., 2015), e não apenas os cinco amplamente divulgados. A articulação das vogais se distingue pelo movimento de avanço ou de recuo do corpo da língua, bem como de sua altura, constituindo um sistema triangular na formalização de Trubetzkoy (1929, *apud* Mattoso Camara Jr., 2015), conforme Figura 1 a seguir:

Figura 1: Quadro fonológico das vogais orais



Fonte: Elaboração dos autores a partir de Trubetzkoy (1929)

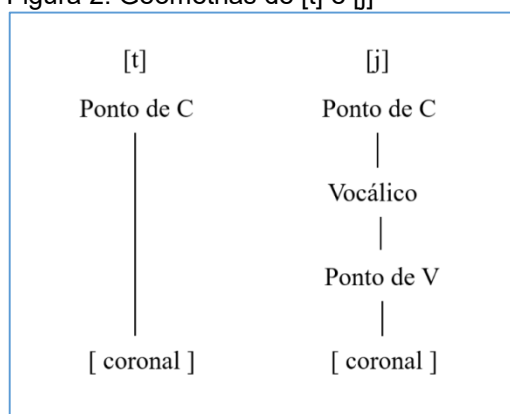
A Figura 1 não contempla a articulação dos sons que são reconhecidos como semivogais, pois se entende que a produção de tais segmentos ultrapassa o limite de elevação do corpo da língua – tomando por referência a produção das vogais altas. A nomeação de semivogais pode envolver dois parâmetros: o articulatorio – devido à maior proximidade articulatória entre semivogal [j] e vogais anteriores, e entre [w] e vogais posteriores arredondadas; e o funcional – devido ao papel efetivo de vogal e de consoante (semivogal) na constituição de ditongos no PB. Na abordagem estrutural (Mattoso Camara Jr., 2015), um meio de não fazer referência à articulação vocálica, ao tratar das semivogais, é descrever o modo de articulação de tais segmentos consonantais como semivocálico e, quanto ao ponto, o palatal para [j] e o bilabial para [w].

Importa observar que adotamos, para o PB, a interpretação das semivogais como formas fonéticas das vogais /i/ e /u/, conseqüentemente, não se tem a ampliação de fonemas consonantais na língua (Mattoso Camara Jr., 2015), que decorreria da

entrada das semivogais em seu elenco. Corroborando com esse entendimento, quando Mattoso Camara Jr. trata do estabelecimento dos ditongos, indica sua possibilidade fonológica decorrente da sequência de vogais em que uma delas se encontra em sílaba tônica. Dessa maneira, o fone [j] pode corresponder à vogal fonológica /i/, e [w], a uma possibilidade de realização de /u/.

Não só na fonologia estrutural podemos estabelecer distinções articulatórias entre as vogais e as semivogais. Com base na Geometria de Traços (Clements; Hume, 1995), por exemplo, é possível diferenciar os vocoides, no subagrupamento vogal e glide, pela presença na geometria das vogais do nó de Abertura e pela ausência desse mesmo nó na geometria dos glides. De modo geral, na geometria de consoantes, não se apresenta o nó Vocálico (Clements; Hume, 1995) e, conseqüentemente, o nó de Abertura. Embora os autores englobem as semivogais no tratamento dos vocoides, ao discutirem grau de constrição de abertura, fazem referência apenas às vogais. Ao apresentarem a geometria do [j] em comparação com a consoante [t], evidenciam características em comum – o nó Ponto de Consoante (PC) e o traço [coronal] – e evidenciam, também, divergências, pois o nó PC da consoante [t] ramifica diretamente o traço [coronal], enquanto, na geometria de [j], o nó PC ramifica o nó Vocálico, que, por sua vez, ramifica Ponto de Vogal (PV) para então ramificar [coronal]. É bom ressaltar que já há o estabelecimento da distinção entre uma consoante como [t] e a semivogal [j], mesmo delimitando a comparação articulatória apenas a partir do nó Ponto de Consoante. Se compararmos ainda a geometria do [j] com a de uma vogal coronal, também não serão necessárias mudanças na configuração apresentada, pois ficaria só na geometria das vogais a ramificação do nó de Abertura. No entanto, se for aplicado o nó de Abertura para as semivogais, haverá o custo desnecessário de se ter de acrescentar mais um grau de abertura para diferenciar tais segmentos das demais vogais orais.

Figura 2: Geometrias de [t] e [j]



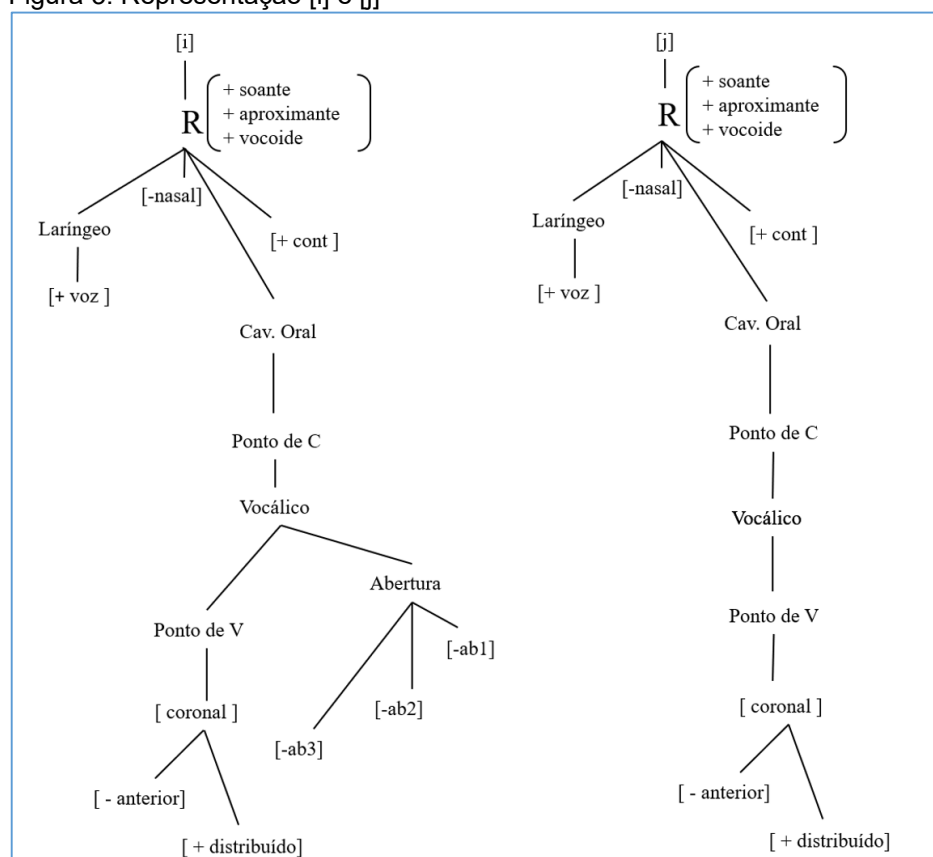
Fonte: adaptado a partir de Clements e Hume (1995)

Desse modo, dada a omissão a respeito do nó de Abertura e a evidência da representação dos nós PC, Vocálico, PV e traço fonológico na configuração de glide, assumimos que, na geometria desse tipo de segmento, numa aproximação com a geometria de consoantes, não se apresenta nó de Abertura, e, numa aproximação com vogais, apresenta nó Vocálico, sendo, contudo, de forma diferenciada, como já exposto. Com isso, mostra-se, mais uma vez, o potencial de funcionamento das semivogais como consoantes ou como vogais; ou até mesmo o potencial de estabelecimento da relação com segmentos consonantais ou vocálicos no mesmo sistema. Com a configuração assumida para os glides, evitamos o aumento de mais de um grau de abertura e evidenciamos características articulatórias em comum com consoantes. Serve como argumento lembrar que o termo *vocoide* pode remeter a vogais e a glides, porém, a menção à *área vocálica* tem uma especificidade que, virtualmente, exclui caracterização de glides.

As diferentes configurações para vogais e semivogais ficam nítidas ao compararmos a Geometria de Traços¹ de vogal com semivogal, a exemplo da comparação entre a geometria de [i] com a de [j]:

¹ Seguiremos a interpretação feita por D'Angelis (1988), que adapta a teoria de Clements e Hume (1995) defendendo que o traço contínuo deve ramificar-se diretamente do nó Raiz e não do nó Cavidade Oral.

Figura 3: Representação [i] e [j]



Fonte: Elaboração dos autores

Considerando a Geometria de Traços (Clements; Hume, 1995), a descrição articulatória de vogal e de semivogal se distingue bem pela presença ou ausência do nó de Abertura, apesar de apresentar bastante convergência – por exemplo, no nó Raiz, no traço [+cont]². Sendo assim, o nó de Abertura assume uma especificidade que diferencia vogais de todos os demais segmentos da língua.

Em dicionários, mesmo especializados, é comum o registro de informações contraditórias no próprio verbete correspondente à entrada *semivogal* ou *glide*. No dicionário de Mattoso Camara Jr. (2011, p. 270), por exemplo, na entrada *semivogal*, o verbete delimita “vogal assilábica que acompanha a base da sílaba para constituir um ditongo”. No dicionário de Cristóvão Silva (2011, p. 127), por seu turno, consta, na entrada *glide*, o verbete “segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de **núcleo** de uma **sílaba**. Diz-se que o glide é uma vogal assilábica, ou seja, uma vogal que não pode ser o núcleo de uma sílaba”.

² Para [Cont] leia-se contínuo.

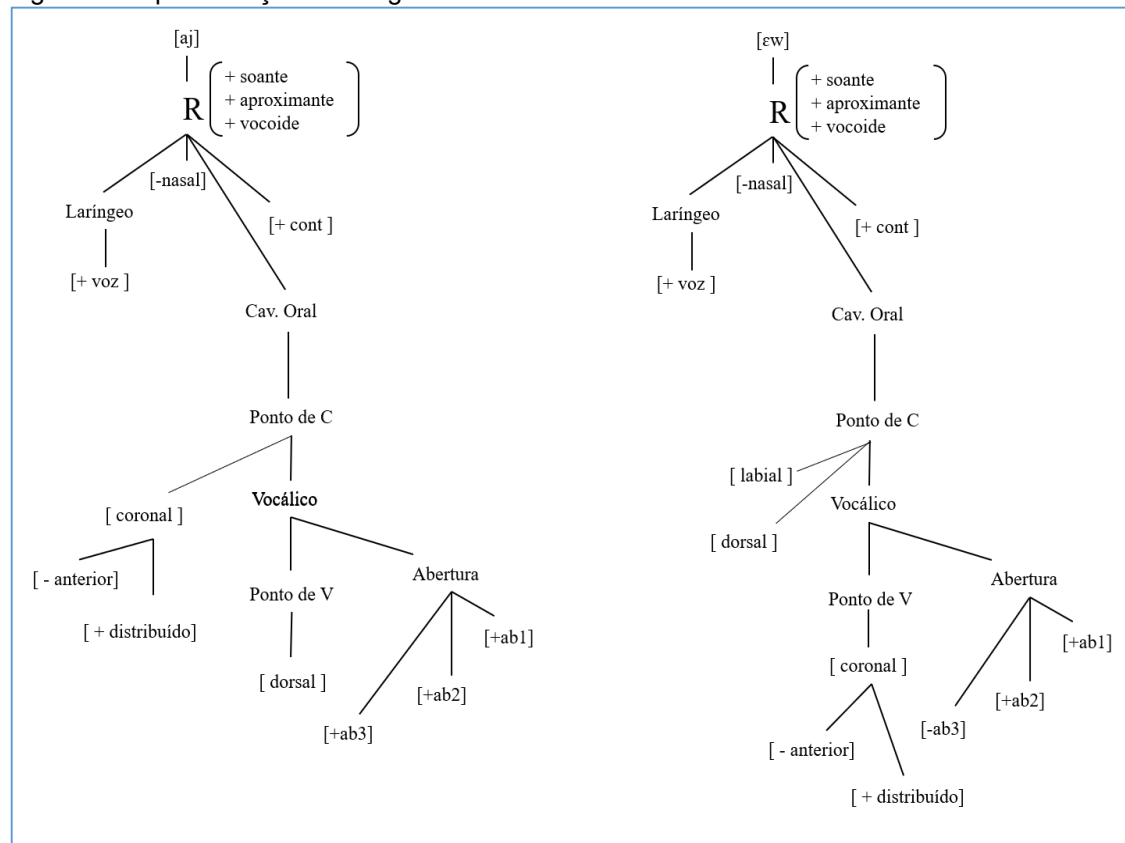
É possível observar, no comparativo desses dois recortes, cujos autores são referências de momentos distintos do estudo fonético-fonológico do PB, que a semivogal é tratada como uma vogal. Esse tipo de tratamento pode ser o causador da falta de nitidez quanto ao que efetivamente configura uma semivogal, sobretudo articulatoriamente. Embora Mattoso Camara Jr. inclua, de certa forma, as semivogais na mesma área articulatória das vogais, ele utiliza terminologia minimamente diferenciadora entre vogal e semivogal, tratando esta como vogal assilábica. Já a delimitação configurada por Cristófaró Silva torna menos nítida a diferenciação entre esses dois tipos de segmentos, ao aludir que glide e vogal apresentam as mesmas características articulatórias. Desse modo, Mattoso Camara Jr. chama a atenção, inicialmente, para as diferenças entre esses tipos de segmentos, enquanto Cristófaró Silva tenta agrupá-los pelas semelhanças. Enfim, ambos tratam a semivogal como um segmento assilábico, no entanto, Mattoso traz a diferenciação logo no início do verbete, enquanto Cristófaró Silva anuncia, primeiramente, esses segmentos como articulatoriamente semelhantes.

Mattoso Camara Jr. apresenta distintas interpretações para o valor das semivogais no PB (1988 [1969]; 2015 [1970]). Na primeira, o autor considera as semivogais como formas fonológicas ocupantes de margem silábica, criando, por exemplo, ditongos decrescentes, como em /'paj/ e /'paw/. Na segunda abordagem (2015 [1970]), ele aprofunda a discussão trazendo duas possibilidades interpretativas para as semivogais: (i) a de segmento consonantal que preenche uma das margens constituindo ditongo ((C)VC); tratando-se mais especificamente do ditongo decrescente, evidencia-se uma sílaba travada; e (ii) a de modificação final de seu centro/núcleo para criação do ditongo ((C)VV), nesse caso, a sílaba é aberta. Partindo da interpretação de que há ditongos decrescentes fonológicos³ no PB e de que a representação é de VV, aplicam-se dois entendimentos para a constituição do ditongo: ora VV corresponde a uma sequência de vogais – desde que uma delas esteja em sílaba tônica –, ora corresponde a uma vogal cuja articulação final se modifica. É interessante explicitar a geometria da vogal cuja articulação se modifica no percurso

³ O autor assume o ditongo crescente fonológico apenas na aplicação de [w] antecedido por [k] ou [g], como em ['agwa] e [trã'kwilu]. Nesse encaminhamento, o [j] não integra ditongo crescente fonológico. Evidenciamos, então, que, quando mencionarmos tal tipo de ditongo, estaremos seguindo a mesma delimitação de Mattoso Camara Jr. (2015).

de sua produção como segmento complexo, distinguindo-se da vogal simples [i] e da complexidade apenas vocálica de [u] (cf. Figura 4 a seguir).

Figura 4: Representações de vogais modificadas



Fonte: Elaboração dos autores

Podemos aventar que a complexidade da vogal, a exemplo de [u], resulta da ramificação de dois traços terminais sob o nó PV, enquanto a complexidade articulatória da vogal núcleo que se modifica, tendo como articulação final [w], decorre da ramificação de PC nos traços terminais [labial] e [dorsal] e no nó Vocálico, que, por sua vez, ramifica PV. Já a complexidade de VV, envolvendo articulação final [j], decorre de PC ramificar traço [coronal] e nó Vocálico, que, por seu turno, ramifica PV. Observa-se, então, que as formas ditongadas envolvem, em sua geometria, de modo convergente, traços fonológicos de PC e de PV, enquanto a interpretação da complexidade de uma vogal simples envolve dois traços ramificados de PV. Além disso, a realização de [w] envolve uma complexidade maior, em comparação com [j], tendo em vista que já se ramificam traços sob PC, enquanto, na geometria de [j], PC ramifica um só traço.

Cristófarro Silva (2003), numa publicação voltada a estudantes de Letras, segue, na perspectiva fonética, o entendimento dos glides como constituintes de ditongo,

caracterizando-se por ser uma vogal que, em sua conformação articulatória, revela mudanças de qualidade no contínuo de sua produção (cf. Figura 4); em outros termos, trata-se de um só segmento. A esse entendimento fonético, a autora atrela, fonologicamente, o glide a um segmento V, que pode seguir ou anteceder outra vogal. Essas correlações, contudo, parecem-nos configurar uma contradição, uma vez que toma o glide como parte da produção de uma vogal que sofre mudança em sua articulação e, concomitantemente, reserva a tal parte uma posição própria na constituição silábica. Faz sentido VV, potencialmente, corresponder a uma sequência de vogais em que uma delas deixa de ser articulada como vogal e passa a ser semivogal; nesse caso, como semivogal, passa a ocupar a margem silábica. Tem sentido, ainda, entender VV como parte de um mesmo núcleo, seguindo a interpretação de se tratar de uma vogal com mudança articulatória na sua realização. Porém, não faz sentido estabelecer VV como um único segmento correspondente a duas posições silábicas, uma de preenchimento de núcleo e outra de preenchimento de margem.

A partir do exposto, verificamos que, mesmo entre linguistas, não há fronteiras bem delimitadas sobre a natureza das semivogais. Talvez, por sua própria natureza fluida, tanto articulatoriamente quanto funcionalmente.

2 Ditongo sob duas perspectivas: a linguística e a gramatical

Nesta seção, debruçamo-nos sobre o entendimento de ditongos no PB, segundo a compreensão de linguistas e de gramáticos normativos. Por esses vieses, objetivamos explicitar interpretações quanto à constituição de ditongos e, conseqüentemente, quanto à participação das semivogais nessas formações.

2.1 Uma perspectiva linguística

Massini-Cagliari e Cagliari (2005) tratam, foneticamente, o ditongo como a produção de uma vogal que muda de qualidade durante sua realização. Comparam ainda essa constituição de ditongo a um dígrafo. Esse comparativo, no entanto, parece foneticamente incompreensível, pois aplicam, ao segmento de articulação modificada, a correspondência potencial de dois segmentos, enquanto o dígrafo corresponde a duas formas com valor de uma. O desdobramento de um segmento

vocálico, quer se trate de uma vogal com articulação modificada durante sua produção, quer se trate de uma sequência de dois segmentos, terá certo sentido, em sua correspondência com dígrafo, se houver a passagem para o plano fonológico, determinando as possibilidades mencionadas sendo correspondentes a um só elemento fonológico.

Em contraponto, ao focalizar as semivogais, os autores entendem que o tratamento deve ser pelo viés fonológico para que se tenha uma compreensão do funcionamento desses segmentos na constituição silábica. Embora os teóricos não se detenham, explicitamente, sobre a constituição fonológica das semivogais nas sílabas, assumem a transcrição fonológica para as semivogais /j/ e /w/ (Massini-Cagliari; Cagliari, 2005, p. 131), em consonância ao entendimento de que as consoantes ocupam a periferia da sílaba e a vogal, o núcleo.

Das elaborações sobre semivogais, depreende-se que, como integrantes de um ditongo decrescente, esses segmentos podem ser interpretados tanto como uma vogal cuja articulação se modifica ao final quanto como uma sequência de dois segmentos, uma vogal e uma consoante. Comumente, os falantes, ao ouvirem uma produção com ditongo, reconhecem nela uma sequência de segmentos, seja V+V ou V+C, e não um único segmento cuja articulação vai se modificando, conforme Mattoso Camara Jr. (2015) e Massini-Cagliari e Cagliari (2005).

Com base nessa percepção geral do falante e no fato de semivogais serem vistas como ocupantes das margens silábicas, optamos, foneticamente, pelo registro dos ditongos decrescentes por meio da sequência V+C (sendo C uma semivogal). Contudo, entendemos que há, fonologicamente, ditongos no PB e que são depreendidos a partir da sequência V+V. Destacamos também que o ditongo fonológico deve envolver /i/ ou /u/ e uma das vogais integrantes precisa estar em sílaba tônica, seguindo, assim, uma das interpretações de Mattoso Camara Jr. (2015). Logo, a um dos segmentos do ditongo fonológico, será aplicada a produção fonética de uma semivogal.

2.2 Uma visão da gramática normativa

A natureza límbica das semivogais no PB transparece inclusive em gramáticas normativas – cujos conteúdos circulam mais produtivamente nas escolas, e, conseqüentemente, têm as concepções mais divulgadas entre os alunos. Os

gramáticos, comumente, colocam-nas ou como um grupo além das vogais e das consoantes e/ou não contemplam as semivogais na descrição fonético-fonológica das consoantes nem das vogais. De qualquer modo, eles tratam das semivogais ao abordar ditongos, momento em que estabelecem o compartilhamento de vogal e semivogal numa mesma sílaba. Na formação do ditongo, explicitam o sequenciamento, numa mesma sílaba, de vogal + semivogal (ditongo decrescente) ou de semivogal + vogal (ditongo crescente). Ainda depreendem as semivogais de uma sequência de vogais, em que uma delas, sendo vogais altas anterior ou posterior, será produzida como uma semivogal.

Trazemos à discussão excertos de gramáticas para pontuar algumas dessas interpretações: Almeida (2009), embora delimite o ditongo a um grupo de duas vogais, acrescenta a informação de se tratar de duas vogais pronunciadas como uma só. Esse entendimento do gramático entra em consonância com a interpretação de linguistas (Mattoso Camara Jr., 2015; Massini-Cagliari; Cagliari, 2005), ao abordarem o ditongo como resultante de uma mudança articulatória de uma mesma vogal. Tomando o ditongo como um segmento vocálico que sofre mudança em sua produção, não se apresenta dificuldade na sua conformação. A objeção a ser feita é referente à tomada do ditongo como constituído por duas vogais, em virtude de tal sequenciamento ir contra a presença de uma única vogal por sílaba, não distinguindo a produção dos segmentos envolvidos como vogal e consoante.

Rocha Lima (2011), de certa forma, trata o ditongo como uma sequência de vogais, ao descrever que se compõe de uma vogal acompanhada de *i* ou *u*, mas, logo em seguida, atrela a esses grafemas o valor consonantal. Ao fazer remissão às possibilidades silábicas do português, o autor especifica que a sílaba pode ser constituída só por uma vogal ou comportar também uma ou mais consoantes, ressaltando as semivogais como parte desse grupo.

Cunha e Cintra (2017), por seu turno, evidenciam a distinção de semivogais em relação a vogais e a consoantes já na parte da descrição fonética, em que colocam as semivogais como um grupo de sons intermediário aos outros dois. Ainda estabelecem correspondência fonético-fonológica entre os fonemas vocálicos /i/ e /u/ e as semivogais [j] e [w], respectivamente, quando, juntas a uma vogal, compartilham a mesma sílaba. Tratam as semivogais foneticamente também como vogais assilábicas.

A menção às semivogais em Bechara (2019) mostra-se nebulosa em comparação aos outros autores, pois ele, enquanto as denomina *semivogais*, trata esses mesmos segmentos como *fonemas vocálicos* e os representa das seguintes formas /y/ e /w/ – sendo acompanhantes de uma vogal na mesma sílaba. Como vimos, Cunha e Cintra (2017) igualmente estabelecem correspondência das semivogais com fonemas vocálicos, mas não aplicam a essa noção os correspondentes fonológicos /y/ e /w/, e sim, mais adequadamente, as formas fonológicas /i/ e /u/, no mesmo contexto.

Em graus diferenciados, a natureza límbica das semivogais permanece na descrição das gramáticas normativas, aqui representadas por Almeida (2009), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2019).

3 Alçamento vocálico e a variação nos limites da área vocálica

Dada a falta de uma localização mais nítida das semivogais – no conjunto de segmentos da língua – e a de um entendimento consensual da participação delas na formação de ditongos, consideramos válido conduzir a discussão para o processo de alçamento vocálico e, na sequência, discorrer sobre o que denominamos hiperalçamento. O debruçamento sobre o alçamento vocálico, nesta seção, é para explicitar limites da natureza dos segmentos fonéticos em variação, produzidos na área vocálica, e as ocorrências fonéticas estabelecidas entre segmentos vocálico e semivocálico (ultrapassagem da área de realização de vogais).

O alçamento vocálico decorre do processo de variação em que vogais anteriores entre si e posteriores arredondadas entre si promove a produção de uma vogal de altura acima. Nesse processo, o falante, na realização de uma vogal, eleva o corpo da língua acima da altura da vogal de referência fonológica, ou ainda se envolve em variação com outro segmento vocálico, diferenciados pelo movimento de elevação do corpo da língua. A mesma variação entre segmentos vocálicos, aplicada a determinadas ocorrências, pode ser, em outra perspectiva, compreendida como abaixamento vocálico. No entanto, seguimos o entendimento de que é mais produtivo no PB a aplicação de alçamento do que de abaixamento vocálico, considerando as pesquisas divulgadas (a exemplo de Battisti, 1993; Brandão; Rocha; Santos, 2012; Callou; Brandão, 2016).

A variação entre vogais é engatilhada por motivações diversas, como harmonia, alçamento ou abaixamento vocálicos e difusão lexical (Maia, 1986; Viegas, 1995; Rumeu, 2012; Bisol, 2013; Callou; Brandão, 2016). No PB, a elevação do grau de abertura de uma vogal é tão comum que é habitual ouvirmos variações como estas: [ale'gria] ~ [ali'gria], como formas variantes do Sul/Sudeste, e [alɛ'gria] ~ [ale'gria] ~ [ali'gria], formas em variação do Norte/Nordeste (Bisol, 2013). Tais possibilidades corroboram o entendimento apresentado por Viegas (1995), ao tratar da elevação do traço de altura de um segmento vocálico médio em sílaba átona – em uma produção de um segmento vocálico alto – como alçamento vocálico.

A seguir, faremos uma breve digressão sobre harmonia, alçamento e/ou abaixamento vocálicos e difusão lexical, que configuram motivações para a variação entre vogais.

Bisol (2013), ao desenvolver sobre a variação vocálica no PB, envolve, na análise, o processo de harmonia. Entende harmonização como resultante de assimilação regressiva, em que a vogal alta tônica engatilha o processo cujo alvo é uma vogal média da pretônica imediata, havendo inicialmente entre elas a diferença de apenas um grau de abertura. Ainda de acordo com Bisol (2013), a harmonização envolve, também, escala de sonoridade e convenção de adjacência. Continuando numa perspectiva linguística, a harmonia pode ser total ou parcial. Ainda segundo Bisol (2013), o falar de Teresina (Piauí) exemplifica a manutenção das médias na região Norte/Nordeste, decorrente também de assimilação. Na comparação de registros de fala dos dois polos – Sul/Sudeste e Norte/Nordeste –, o primeiro se caracteriza pela neutralização das médias, enquanto o segundo mantém as sete vogais orais em sílaba pretônica, ambos registrando, de qualquer modo, variação vocálica decorrente de harmonização.

Rumeu (2012), tratando a fala culta recifense, observa tanto abaixamento quanto elevação vocálica. Demonstra, no entanto, que há uma preferência pela regra de abaixamento. No que diz respeito, especificamente, ao [ɛ] resultante do abaixamento de vogais anteriores, a autora elenca, como contextos estruturais favorecedores, o timbre do segmentoônico, o ponto de articulação do segmento precedente à pretônica e o modo de articulação do segmento subsequente à pretônica. Segundo sua interpretação, vogais baixas ou médias na sílaba tônica promovem a realização de médias baixas na pretônica, como [zɛ'lah] e [tɛ'hẽnu]. Quanto ao ponto de articulação da consoante precedente à vogal alvo, Rumeu identifica o ponto bilabial

como propiciador do abaixamento, com relação às vogais anteriores em variação, a exemplo de [supəri'oh] e [mɛh'kuriw]. Atenta, por sua vez, aos modos de articulação lateral e vibrante dos representantes fonológicos, subsequentes à vogal pretônica em destaque, segundo os exemplos [ɛ'liɪ] e [bɛh'muda]. Com relação às variantes posteriores, Rumeu reduz os contextos linguísticos propulsores do abaixamento da vogal pretônica média, elencando: o timbre baixo do segmentoônico e o modo de articulação do segmento precedente à vogal alvo, que envolve variadas possibilidades - grupos consonânticos ([pro'kura]), inexistência de segmento ([ɔ'lĩda]), segmentos nasais ([no'sivu]) e segmentos fricativos ([dɛvo'lutu]).

Bisol (2013), ao abordar o alçamento vocálico sem envolvimento de harmonia, traz à discussão o alçamento sem motivação fonética aparente (ASM). Por esse viés, aborda a difusão lexical, em que certos agrupamentos de palavras são paulatinamente envolvidos no processo, nesse caso, de variação vocálica com alçamento da pretônica.

A autora delimita os nomes e os verbos como formas em que tal processo atua. Indica, ainda, diferença entre as variedades do Sul e do Nordeste, apontando a primeira com o uso restrito de nomes, no entanto, sendo de relativa frequência de ASM, enquanto, no Nordeste, o grupo de palavras é mais amplo e o ASM é mais produtivo. Além do fator regional, menciona certos segmentos consonantais envolvidos, como as consoantes velar, labial ou coronal contínua. Ao formar três paradigmas de palavras, delimita (i) nomes, cujas formas derivadas são bem produtivas do ASM, como [bo'nɛka] ~ [bu'nɛka], [ẽbunɛ'kah], [ẽbunɛ'kadu] e [kos'tɛla] ~ [kus'tɛla], [kustɛ'lĩna]; (ii) nomes que derivam verbos de primeira conjugação, como [so'segu] ~ [su'segu], [suse'gah] ~ [suse'gah], [susɛga'ria] ~ [susega'ria]; e (iii) verbos de segunda conjugação e suas formas flexionadas, como [kõne'seh] ~ [kũne'seh], [kõne'si] ~ [kũne'si], [kõne'sia] ~ [kũne'sia], [kõnese'ria] ~ [kũnese'ria], [kõne'sidu] ~ [kũne'sidu].

Bisol (2013) argumenta que a presença, em verbos da segunda conjugação, de quatro morfemas com vogal alta fonológica e/ou fonética {i, ia, iria, ido}, respectivamente, no pretérito perfeito em P1, no imperfeito e no futuro do pretérito em todo o paradigma e no particípio, cuja vogal temática padrão é o {-e}, seria um motivador para a produção de vogal alta na sílaba pretônica. Nesse caso, a autora sugere duas interpretações para a presença da vogal alta na pretônica não imediata: ou trata-se de ASM ou trata-se de harmonia. Em relação à primeira, tem-se uma vogal

anterior média intermediária que não se envolve no alçamento, ou seja, fica insensível à vogal alta (Bisol, 2013). Isto é, como a vogal que sofreu alçamento não se encontra na vizinhança imediata da vogal alta, considera-se que não houve harmonia vocálica, embora se sustente que houve assimilação do traço de abertura da vogal da sílaba tônica, por isso é visto como um caso de ASM. A outra possibilidade é tomar como um caso de harmonia, com violação da condição de adjacência. A autora explicita ainda que o alçamento, em tal contexto, já se manifesta no radical das palavras em sua forma primitiva/basilar. No que diz respeito às duas interpretações, Bisol assume a primeira. Essa discussão acaba envolvendo a difusão lexical no sentido de que determinadas palavras ou grupo de palavras podem apresentar mais ou apresentar menos variação entre vogais.

4 Hiperalçamento vocálico e sua aplicação

Os trabalhos revistos mostram, de uma forma ou de outra, a variação de segmentos vocálicos delimitada apenas à área vocálica. A partir das discussões que envolvem variação vocálica decorrente de alçamento, podemos, então, apresentar o que denominamos *hiperalçamento vocálico*. Observamos que a principal diferença entre os processos de alçamento e de hiperalçamento, no que tange à realização dos segmentos envolvidos, encontra-se no nível de elevação do corpo da língua. Enquanto, no alçamento vocálico, a vogal de referência fonológica corresponde a uma vogal de grau de abertura maior, que o falante articula como uma de grau de abertura menor, no hiperalçamento, a vogal fonológica de referência apresenta uma forma fonética de semivogal, ou seja, tem um representante fonético de vogal produzido fora da área de articulação vocálica.

Importa relembrar que adotamos a interpretação das semivogais como resultantes, no PB, de processo fonético-fonológico, sendo elas apenas formas fonéticas. Logo, [j], potencialmente, pode ser forma fonética de /ɛ/, /e/, /i/; e [w], de /ɔ/, /o/, /u/. A exemplo das possibilidades fonéticas [aprɛ̃'sãw]~ [apriẽ'sãw]; [hɛ̃strutura'sãw]~ [hɛjstrutura'sãw] e [jo'guhti]~ [iw'guhti].

Tendo em vista que as semivogais são segmentos que, ao serem produzidos, ultrapassam o limite de elevação da língua para a realização das vogais altas ([i] e [u]), os segmentos semivocálicos são manifestações do processo de hiperalçamento

vocálico. Esse tipo de variação envolvendo vogais contribui para o estabelecimento de ditongos na língua.

Ao voltarmos à Figura 1 apresentada neste artigo, percebemos que cada segmento vocálico apresenta características de direção e de altura do corpo da língua e que ainda podem se agrupar em anteriores e posteriores. Cientes de que, no PB, há distinção entre as posteriores, subagrupam-se as arredondadas e a não arredondada. No PB, fonologicamente, há quatro graus de abertura vocálica: altas, médias altas, médias baixas e baixa. Como vogais, fonéticas ou fonológicas, esses segmentos ocupam a posição de núcleo de sílaba. Ao se aplicar, no entanto, o processo de hiperalçamento, os representantes vocálicos fonéticos ocupam as margens silábicas. Logo, a aplicação do hiperalçamento permite o estabelecimento: (i) de limites da variação entre formas articulatoriamente vocálicas e variação entre formas vocálicas e consonantais; (ii) da vogal cujo alçamento leva à perda da posição silábica de núcleo; e (iii) do processo de alçamento como mais produtivo no português, criando, inclusive, uma potencialização do próprio alçamento.

A implementação do processo de hiperalçamento mantém o *status* de vogal como segmento de referência no processo e sinaliza, ainda, a perda de posição dentro da sílaba. Sabendo que o alçamento vocálico, assim como o abaixamento, preserva a vogal no núcleo, o hiperalçamento, no que lhe concerne, é uma variação que faz com que a vogal perca essa posição nuclear. Consequentemente, ao tratar de hiperalçamento, aborda-se também o processo de ressilabificação que forma ditongos fonéticos ou fonológicos no PB.

Os registros escritos *ideia*, *pai*, *oi*, *céu*, *água* exemplificam, no PB, a formação dos ditongos em destaque, ainda que não haja grafemas específicos para as semivogais. Esses ditongos decorrem da vizinhança direta entre vogais, em que uma delas deixa de ter realização fonética na área vocálica. De acordo com Mattoso Camara Jr. (2015), no PB, é mais produtivo o ditongo decrescente. Torna-se indispensável, no estabelecimento do hiperalçamento e da constituição de ditongo na língua, a comparação entre as formas fonológicas e fonéticas de dadas palavras. Vejamos então o Quadro 1, em que a referida comparação se torna nítida:

Quadro 1: Comparação entre registros escritos, fonológicos e fonéticos de ditongos no PB

Representação escrita	Representação fonológica	Representação fonética
ideia	/i'deia/	[i'dɛja]

pai	/ˈpai/	[ˈpaj]
oi	/ˈoi/	[ˈoj]
céu	/ˈsɛu/	[ˈsɛw]
água	/ˈagua/	[ˈagwa]

Fonte: Elaboração própria

O processo de ditongação fonológica resulta do hiperalçamento vocálico em decorrência da vizinhança entre esses tipos de segmentos, estando o primeiro em sílaba tônica, para constituição do ditongo decrescente. Para além dessa possibilidade, o ditongo crescente, por sua vez, se manifesta apenas junto a /k/ e /g/, independentemente do ambiente de tonicidade. Logo, apresenta duas particularidades: (i) o envolvimento de consoantes específicas no estabelecimento da ditongação – /k/ e /g/ – e (ii) a independência do ambiente de tonicidade atingindo uma das vogais fonológicas envolvidas. De forma abrangente, podemos concluir que a ditongação é resultado de uma sequência de segmentos vocálicos em que, na produção de um deles, o falante *hiperalça* o corpo da língua constituindo a sequência de vogal+semivogal ou semivogal+vogal.

Portanto, quanto à aplicação do *hiperalçamento vocálico*, que cria ditongos no PB, concluímos que tal processo tanto possibilita admitir o encontro de duas vogais fonológicas – desde que estejam em sílabas imediatamente avizinhas – quanto permite abarcar uma vogal fonologicamente constituída – desde que tenha uma semivogal como representante fonético.

5 Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho, perpassamos, grosso modo, por duas interpretações para semivogal: ou ela resulta da modificação articulatória de um segmento vocálico (Mattoso Camara Jr., 2015; Massini-Cagliari; Cagliari, 2005) ou decorre da vizinhança direta com um segmento vocálico (Mattoso Camara Jr., 2015). Seguindo a primeira abordagem, formalizamos a complexidade de um segmento vocálico pelo acréscimo da ramificação de traço(s) de ponto consonantal – nesse caso, PC se bifurca no nó Vocálico e em traço(s) fonológico(s); assim como na segunda abordagem, conformamos o hiperalçamento.

A aplicação do hiperalçamento vocálico permite correlacionar, articulatoriamente, as consoantes semivocálicas com as vogais, demonstrando, no geral, apenas uma diferenciação na Geometria de Traços (Clements; Hume, 1995): a ausência do nó de Abertura na configuração das semivogais. Embora as semivogais, ao se realizarem, tenham a área vocálica como referência de limites de produção, a elevação do articulador ativo extrapola a linha de altura máxima, por isso não apresentam nó de Abertura – responsável pelos limites fronteirícios de abaixamento e de elevação do corpo da língua.

Vimos que, do ponto de vista articulatorio, a variação com alçamento ou com abaixamento vocálico mantém os segmentos em variação na área de realização das vogais. Diferentemente, a variação vocálica com hiperalçamento amplia as possibilidades fonéticas de vogais, por haver produções que extrapolam os limites da área vocálica, instituindo, de tal modo, a variação entre vogal e consoante. Sendo assim, do ponto de vista funcional, a variação entre vogais, por abaixamento ou por alçamento, não cria ditongos, já a variação por hiperalçamento é responsável por gerar ditongos no sistema, quer seja fonológico/distintivo, quer seja puramente fonético.

Ainda, podemos aventar, apesar de visíveis contradições no estabelecimento de ditongos no PB – considerando posicionamentos internos a grupo de linguistas e a grupo de gramáticos normativos, ou mesmo entre interpretações vinculadas às distintas perspectivas –, que há, no geral, o entendimento da existência de ditongos fonológicos no PB e de que sua manifestação decorre da presença efetiva (que poderíamos determinar como fonológica) de duas vogais.

FROM VOWEL TO SEMIVOWEL: VOWEL HYPER-RAISING

Abstract: This research aims to establish semivowels as vowel variants in Brazilian Portuguese, based on the process of *hyper-raising*. The development of this study starts with the observation of the liminal state in which semivocalic segments are found, from the perspectives of normative grammarians and of linguists. The articulatory-functional nature of vowels and semivowels in the formation of diphthongs is also considered. Subsequently, the process of raising in the language applied to the variation between vowel segments is outlined. Since semivowels are not considered in the raising process, the process of vowel hyper-raising is proposed to characterize phonetic forms resulting from variation with the surpassing of articulation in the vowel area. The analysis is based on the Feature Geometry of Clements and Hume (1995) and Structural Phonology, primarily focused on the phonetic-phonological description

presented by Mattoso Camara Jr. (1988; 2015) for Brazilian Portuguese. The analysis of the described hyper-raising results in the understanding that the semivowels [j] and [w] vary with rounded anterior and posterior vowels, respectively, paying attention to the loss of the nucleus position of a vowel. Two articulatory interpretations can be applied to this segment: (i) the constitution of a complex segment by adding, in the vowel geometry, [coronal] or [labial] and [dorsal] Consonant Place feature(s); and (ii) the constitution of a consonantal segment whose geometry differs from that of a vowel by the absence of the Opening node. Therefore, the focus of this research establishes hyper-raising as a motivator for the creation of diphthongs in Brazilian Portuguese.

Keywords: vowel; semivowel; vowelraising; hyper-raising.

Referências

ALMEIDA, N.M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 2009.

BATTISTI, E. Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha. 1993. 125 fls. *Dissertação* (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BISOL, L. Harmonização Vocálica: efeito parcial e total. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38159>. Acesso em: 8 jan. 2024.

BRANDÃO, S.F.; ROCHA, F. de M.V. da; SANTOS, E.R. dos. Vogais médias pretônicas em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro. *Letras & Letras*, [S. l.], v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25860>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CALLOU, D.I.; BRANDÃO, S.F. Caracterização de Áreas Dialetais no Português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JUNIOR, L. de; MARTINS, M. (org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo: Blucher, p. 97 -122, 2016.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CLEMENTS, G.N.; HUME, E.V. The Internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The Handbook of phonological theory*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2003.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

D'ANGELIS, W. da R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: língua Macro-jê & teoria fonológica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos e Linguagem (IEL), Unicamp, 1988.

MAIA, V.L. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos linguísticos e literários*. p. 195-208, 1986.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L.C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MATTOSO CAMARA JR., J. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1988 [1969].

MATTOSO CAMARA JR., J. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011 [1956].

MATTOSO CAMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis. Vozes, 2015 [1970].

VIEGAS, M. do C. O alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul/dez, 1995. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1015>. Acesso em 8 jan. 2024.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RUMEU, M.C. de B. Uma breve incursão pela fala culta recifense: vogais médias pretônicas à luz da sociolinguística. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 17, n. 2, p. 7-30, 2012.

Recebido em 27/02/2024

Aceito em 24/10/2024

Publicado em 26/12/2024